

MOVIMENTOS SOCIAIS E AÇÕES COLETIVAS NO CONTEXTO PÓS-JORNADAS DE JUNHO DE 2013 NO EXTREMO DA ZONA OESTE DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO: UM ESTUDO SOBRE OS COLETIVOS QUE SE ORGANIZAM EM ESPAÇOS DE RESISTÊNCIA DO TIPO CASA.

Rosilaine Souza de Araújo da Silva¹
Professora de Geografia SME/RJ e SEEDUC/RJ
rosesaprof@yahoo.com.br

Resumo: Este artigo tem como objetivo refletir sobre a organização de movimentos sociais e ações coletivas no extremo oeste da Zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro. Para tal, realizar um resgate teórico sobre o conceito de movimentos sociais e compreender a organização de coletivos de resistência cultural com pautas identitárias e culturais (mulheres, negros, LGBTQI+) que se localizam na periferia da cidade do Rio de Janeiro.

Palavras Chave: Movimentos sociais, coletivos, Zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro.

GT 15

Território, conflitos e ativismos sociais urbanos

¹ Moradora e professora na Zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro. Mestre em planejamento Urbano e Ambiental UFF.

Introdução: As jornadas de junho de 2013 foram consideradas um marco para o debate dos movimentos sociais no Brasil, entendemos esse evento não está deslocado de um cenário mundial, e por tanto, é importante analisar a conjuntura internacional e brasileira a partir da crise econômica internacional de 2008, perpassando pelos megaeventos (Copa da confederação, Copa do Mundo e Olimpíadas), o Golpe no governo democrático da presidenta Dilma até a pandemia da COVID-19. A interligação desses acontecimentos, são fundamentais para entender a organização dos movimentos sociais na atualidade, tarefa que faremos nesse trabalho com o objetivo de compreender Coletivos que se organizam a partir de espaços culturais do tipo casa.

I. Movimentos sociais e ações coletivas um debate no contexto pós Jornadas de junho de 2013

Para iniciar essa reflexão é necessário lembrar momentos históricos recentes da história do nosso país, tais como a crise econômica de 2008, as jornadas de junho de 2013, os megaeventos: Copa das Confederações (2013), Copa do Mundo de Futebol (2014) e Olimpíadas (2016), os retrocessos na democracia brasileira a partir de 2016, o isolamento social de 2020/2021 e a retomada às ruas a partir de 2021/2022 a partir da vacinação, que no Brasil é encampada pelo Sistema Único de Saúde – SUS. Esses eventos se atravessam por provocarem impactos socioeconômicos, fundiários, urbanísticos, ambientais e culturais nos diferentes setores da sociedade, dentre eles, as diferentes formas de organização dos movimentos e ações coletivas.

O contexto de crise econômica em 2008² que assumiu uma escala global atingindo vários países, inclusive o Brasil sendo que de forma mais profunda a partir de 2014, como indica Gohn (2020, p 2) já assombrava desde 2010 nossa economia:

A década de 2010 iniciou-se sob a sombra da crise financeira de 2008, e foi marcada pelo encolhimento da economia em várias partes do globo, desemprego, aumento das desigualdades sociais, reformas do estado, perda de direitos dos trabalhadores, ressurgimento de grupos conservadores e do nacionalismo, e protestos sociais

Essa precarização na vida dos trabalhadores/as das cidades brasileiras é evidenciada, por exemplo no aumento das tarifas dos transportes públicos, ou ainda, nas pautas anticorrupção, motivadores das jornadas de Junho de 2013³, data emblemática para entender a complexidade e as

2 A crise se iniciou na chamada bolha imobiliária nos Estados Unidos atingindo empresas do setor financeiro imobiliário resultando em desemprego, redução do crescimento econômica e queda do produto interno bruto de vários países.

3 Verificamos vários grupos presentes nesse processo e, por vezes sem vínculos entre si, os grupos de esquerda, grupos desorganizados de “verde e amarelo” e os autonomistas com organização horizontal, destacamos o Movimento Passe livre

particularidades dos movimentos sociais e ações coletivas (progressistas ou conservadores) na atualidade. As chamadas para os protestos ocorreram, sobretudo, através das redes sociais (Twitter, Facebook) e majoritariamente por jovens, evidenciando a potência dessas tecnologias de comunicação como ferramenta aos movimentos, no entanto, não podemos esquecer o alerta de Lima:

Nas sociedades contemporâneas, não obstante a velocidade das mudanças tecnológicas, sobretudo no campo das comunicações, a centralidade da velha mídia – televisão, rádio, jornais e revistas – é tamanha que nada ocorre sem seu envolvimento direto e/ou indireto (LIMA, 2013, p. 89).

Neste contexto onde “modelos de desenvolvimento e as formas de fazer política estão em questão” surgem “formas horizontais de decisão, sem personificação de lideranças nem comando de partidos e comitês centrais” (ROLNIK, 2013, 12), ou seja, os movimentos sociais ou políticos clássicos, “velhos” (movimentos estudantis, sindicatos, partidos políticos, luta pela terra, luta por moradia), os novos movimentos sociais (identitários ou culturalistas), estiveram presentes, no entanto, a forma de organização autonomista, horizontal e descentralizada apontava para novíssimos movimentos sociais? gerando “cada qual com suas pautas e estilos de ativismo, em convivência. E sem harmonia. No dia 20, rasgaram-se bandeiras, e o comando da rua foi disputado no braço” (ALONSO, 2017, 53) e caminham rapidamente para um “movimento que começara apartidário se tornava então *antipartidário*” (Secco, 2013, p. 74).

A democracia é tensionada com a emergência de pautas conservadoras⁴, antidemocráticas e cheias de discursos de ódio, ou seja, mudam de sentido os projetos em disputa, embora as ações, tais como, protestos, marchas, cartazes fossem similares, o que fez pesquisadores e jornalistas identificarem as mesmas pautas entre os manifestantes, algumas diferenças já são percebidas, tais como o uso da bandeira e blusas com as cores verde e amarela criando uma aproximação maior com os eventos ligados as Diretas Já (1984), Fora Collor (1994) e aos eventos esportivos. Para Alonso (2017, 49) essa diversidade aparece, principalmente em três grupos:

O repertório socialista, velho conhecido, reapareceu em bandeiras vermelhas, megafones, organização vertical. A apregoada “novidade” de 2013 veio do uso do repertório autonomista, de movimentos por justiça global, que repaginou signos e slogans anarquistas. Nele se combinam estilo de vida alternativo (anti-hierarquia de gênero, compartilhamento de espaços e objetos), organização descentralizada, deliberação por consenso e ações performáticas e diretas (tática black bloc), contra símbolos dos poderes financeiro e político (anticapitalismo, antiestatismo).

- MPL com pautas pelo transporte público e gratuito e no chamamento para as manifestações de junho de 2013. O MPL surge em 2003 e se define como “um movimento social de transportes autônomo, horizontal e apartidário, cujos os coletivos locais, federados, não se submetem a qualquer organização central” (Movimento Passe Livre, 2013, p. 15).

4 Surgem novos grupos de movimentos reacionários, conservadores, autoritários e de extrema direita. Podemos citar o Movimento Brasil Livre – MBL, Vem pra Rua e Revoltados online.

O terceiro repertório, o patriota, foi menos notado em 2013, embora o nacionalismo esteja em moda mundo afora e se enraíze na tradição local.

Aliás, Damo (2020, p.170) aposta que é necessário avaliar que “os megaeventos esportivos impactaram as jornadas de junho de modo mais intenso do que a bibliografia supõe”, Vainer (2013, p. 37) aponta que:

megaeventos, meganegócios, megaprojetos. Não há como não reconhecer a conexão estreita entre os protestos em curso e o contexto propiciado pelos intensos e maciços investimentos urbanos associados à Copa do Mundo 2014 e, no caso do Rio de Janeiro, também aos jogos Olímpicos de 2016

Trata-se da própria concepção de cidade, do uso do dinheiro público para construção de uma infraestrutura esportiva “padrão Fifa”, não prioritária aos setores da sociedade, mas que demarca uma confluência entre acordos do Estado e dos capitalistas, com violações aos direitos humanos, principalmente nas camadas populares, que ao longo do tempo vem apontando outras demandas relacionadas ao direito à cidadania.

Damo (2020, p. 177) revela que são nessas circunstâncias que “um matiz verde e amarelo até então inexistente” transbordando de nacionalismo, o antipetismo, antipartidarismo e da extrema direita antidemocrática avança no senso comum e passa a disputar as pautas, tais como “impeachment, da Lava-Jato, da militarização, da Escola sem Partido, entre outras pautas – nem sempre conectadas” (DAMO, 2020, p. 187) tensões que apontam para outra dinâmica das lutas, onde destaca-se:

corrupção se sobressaiu em relação a outras pautas, suscitando, inclusive, a criação de movimentos que até então não existiam e dando respaldo popular à megaoperação lava-Jato, desencadeada no início de 2014 e responsável indireta pelo impeachment da Presidente Dilma, em 2016, pelo encarceramento do ex-presidente Lula – o principal avalista dos megaeventos esportivos – e decisiva nas eleições de 2018. (DAMO, 2020, p. 171)

A polarização da sociedade brasileira se torna uma realidade: Por um lado, essa onda conservadora se torna mais visível nas ruas e virtualmente, contribuindo com as narrativas de políticos de partidos liberais, da grande mídia e de extrema direita, na construção de pautas anticorrupção que elevaram o antipetismo e foram importantes no contexto do golpe ao governo democrático da presidenta Dilma Russeff (2011-2016) através de “discursos evocando Deus” (GLOBO, 18-04-2016), a família tradicional e de combate a velha política. Como Gohn chama atenção (2020, p. 4):

Os atos na cena pública, na década que se encerrou, conforme mencionado acima, não se limitou aos setores progressistas, organizados ou não, em movimentos, coletivos etc. As manifestações se tornaram também formas de

expressão e performances de grupos e organizações e movimentos políticos conservadores, antidemocráticos, como as carreatas, manifestações em praças e avenidas, acampamentos em Brasília, São Paulo etc.

Por outro lado, presencialmente nas ruas e também nas redes sociais, os militantes de sindicatos, partidos, coletivos e movimentos sociais, como o estudantil, deram continuidade as lutas em greves, manifestos, ocupações e atos, seguindo pautas progressistas em defesa da democracia e contrarias a escala do desmonte da “coisa pública” no país. Destacamos a formação a partir de 2015 da Frente Brasil Popular (FBP) e da Frente Povo Sem Medo (FPSM), como aponta Alonso (2017, p. 55)

O setor socialista se aglutinou em duas coalizões de apoio a Dilma, em outubro: a Frente Povo sem Medo (cerca de trinta sindicatos e movimentos, de quinze estados), liderada por cut e msts, e a Frente Brasil Popular (mais de setenta membros, entre movimentos, pequenos partidos de esquerda e setores de outros partidos).

O que se segue é o enfraquecimento da democracia, a título de exemplificação, temos a Emenda Constitucional 95/2016, conhecida como a PEC dos Gastos, principal medida econômica do governo ilegítimo de Michel Temer (2016-2018) composto por “homens velhos, ricos e brancos”.

As eleições de 2018 marcam ataques às universidades, à ciência, à pesquisa científica, aos povos originários, a população negra, de mulheres e LGBTQI+, a construção das notícias falsas (*fake news*) e a investigação de associação a milicianos: o governo Jair Bolsonaro (2018) não apresenta nenhum comprometimento com a redução das desigualdades. A situação agrava-se no contexto de uma pandemia global que vem causando imenso impacto na sociedade, em tempos de isolamento, estar fora do espaço das ruas, significou segurança, contra um vírus ainda desconhecido e que contaminou e matou milhões de pessoas, mas também significou “passar a boiada” nas palavras do então ex-ministro Ricardo Salles (2019-2021) no sentido de mudanças de regras de proteção ambiental e da agricultura.

Neste cenário, onde a orientação ainda é de cautela em relação as aglomerações⁵ outras formas de ativismos e lutas políticas são necessárias e vem sendo construídas ou retomadas. É nesta direção que faremos o recorte deste trabalho, refletindo como no extremo da Zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro, área periférica, coletivos vem se organizando em espaços com características residenciais baseados no fortalecimento das redes de solidariedade e na produção de uma cultura

5 Neste momento (junho de 2022) Segundo os dados fornecidos pelas Secretarias Estaduais de Saúde 77,83% da população nacional concluiu o ciclo vacinal, lembramos que a população a partir de 05 anos está apta a se vacinar. Esse dado levanta a estatística alarmante que mais de 20% da população não completou a vacinação contra COVID-19.

diversa, com pautas progressistas e, no geral, identitárias através de movimentos artístico culturais. Para tanto, é necessário se debruçar no conceito de movimentos sociais e de ativismos políticos contemporâneos e levando em consideração o período pandêmico, ouvir as indagações de Gohn (2020, p.1): “Parte dos atos advém de grupos organizados como coletivos atuando via redes sociais. Que novidades eles trazem? Podem ser chamados de movimentos sociais ou são uma nova forma de ação coletiva?”

Durante o século XX encontramos três teorias que pretendem fazer outras leituras em relação a Teoria Marxista dos Movimentos Sociais – TMMS ancorada na categoria de classe e da necessidade de construção de processos revolucionários. Essas novas teorias partem do princípio que o modelo clássico de exploração pelo trabalho não explica os cenários de manifestações e ações políticas após 1968⁶ onde marca as subjetividades.

A saber, a Teoria da Mobilização de Recursos – TMR⁷, a Teoria dos Processos Políticos – TPP⁸ e a Teoria dos Novos Movimentos Sociais – TNMS. recentemente, alguns autores indicam os Novíssimos Movimentos Sociais, com características apartidárias, ciberativista, autonomista e de horizontalidade em suas decisões/ações e ainda “mobilizações sociais com pautas anarquistas e/ou anticapitalistas ligados ao fenômeno da globalização” (PEREZ e SOUZA, 2017, p. 8).

Já no início do século XXI Alonso (2009, p. 49) adverte: “As mobilizações coletivas ganharam escala global, caráter violento e se concentraram em bandeiras identitárias, compelindo os teóricos a rever suas interpretações”. Pretendemos nesse artigo refletir sobre esses processos.

Não seguiremos a classificação entre velhos, novos e novíssimos movimentos sociais, presentes no debate da teoria dos novos movimentos sociais⁹. Levaremos em consideração a crítica de Alonso (2009) e Martins (2016) que apontam que essa classificação procura por inovações/novidades, que já estavam presentes em outros momentos da história, tais como o movimento feminista (século XIX) ou táticas black blocs e/ou autonomistas (movimento anarquista do século XIX). Santos (2005, p.185) indica que ao analisar os novos movimentos sociais escolheu a “opção mais otimista ou esperançosa” e que “é evidente a novidade existente nos novos movimentos sociais, tanto no campo da ideologia quanto no das formas organizativas, mesmo que esta não deva ser defendida em termos absolutos” (2005, p.182), ou seja, indica as limitações na teoria dos novos movimentos sociais.

6 Maio de 1968 em Paris/França estudantes protestam por reformas no sistema educacional. O movimento expandiu rapidamente e alcançou uma greve geral de trabalhadores.

7 Não abordaremos essa teoria, pois sua abrangência fora dos Estados Unidos foi pequena. Segundo Alonso (2009, p. 53) “A antipatia que gerou na esquerda, ao comparar movimentos com empresas, talvez explique a pequena ressonância da TMR na Europa e sua inexpressiva entrada na América Latina”

8 A TPP a partir de atualizações passa a ser conhecida como teoria do confronto político - TCP.

9 Embora acredite que o “novo” na América Latina surge do avanço das práticas decoloniais, como aponta Santos (2005, p. 176) “Até o início dos anos noventa, os movimentos indígenas são raramente mencionados. Porém, nos últimos anos, sobretudo na América Latina, estes tem sido muito importantes e inovadores na luta social e política”.

Para entender melhor essa opção utilizaremos o conceito de repertório, pois ao observar a dinâmica dos movimentos sociais ao longo do tempo, revela-se muito mais semelhanças do que distanciamentos, embora com performances muito diversas. Alonso aponta que (2012, p.25) “repertório é conhecimento social sedimentado”, onde:

A transferência de repertórios é, então, processo relacional e disputado (pelos agentes em interações conflituosas), histórica e culturalmente enraizado (o peso da tradição) e condicionado pelo ambiente político nacional (as estruturas de oportunidade). (ALONSO, 2012, p. 31).

Alonso (2012) dialogando com Tilly indica que repertório é um conjunto de formas de ações, tais como greves, comícios, ocupações, assembleias, passeatas e um conjunto variado de performances, levando-se em consideração as particularidades do território a partir de suas relações de poder, dos sujeitos e sua criatividade: “escolha, interpretação, compreensão, improviso, aprendizagem são termos que trazem para a abordagem dos processos políticos os contextos de microinteração social, a vida vivida” (ALONSO, 2012, p.31).

Entendemos movimentos sociais, um termo vago, sendo assim caberia nele diferentes formas de ação coletiva de grupos desafiantes daqueles que detêm o poder, esses movimentos podem ter pautas progressistas, reformistas ou revolucionárias, antidemocráticas ou fascistas, ou seja, são sujeitos organizados que possuem pautas de mudanças sociais, desta forma utilizam repertórios de ações como forma de pressão.

A partir da realidade da Zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro, que com a formação desigual do espaço se constitui em área periférica, vislumbramos no contexto de retrocessos na democracia brasileira (pós golpe de 2016) e diferentes grupos em luta pela construção da cidadania, onde verifica-se um aumento de coletivos que se organizam utilizando o espaço de casas residências. Para Perez e Souza (2017, p. 30):

Em comum os coletivos carregam a ideia de união, bem como a vinculação com causas sociais. Existe um sentido de novidade e modernidade embutido no termo: coletivo remete a um novo tipo de organização distante das organizações formalizadas e burocratizadas. Seus membros reinventam nomenclaturas para distanciar as práticas dos coletivos das organizações hierárquicas e com excesso de regras. A fluidez (ausência de normas rígidas de funcionamento ou da necessidade de continuação no tempo

Vale destacar que a formação de coletivos também faz parte de um repertório de ações e que será acionado pelos grupos a partir dos seus interesses, ou seja, de uma estrutura de conflito, Perez e Souza (2017, p.20) indicam a partir de um levantamento com 21 coletivos da cidade de Teresina/Piauí:

o termo coletivo não é uma invenção dos anos 2000: dois coletivos ligados a partidos políticos da cidade de Teresina foram criados nos anos 1960 e 1985. Nesses dois casos os coletivos foram criados como extensões da luta partidária nas universidades.

A formação de coletivos no extremo da Zona Oeste terá uma eclosão no contexto pós jornadas de junho e da ocupação das escolas em 2016¹⁰, períodos que se encontram com o estudo de Perez e Souza (2017, p.20):

A relação entre a criação dos coletivos e grandes eventos estudantis que marcaram os últimos anos — especificamente as manifestações de junho de 2013 e as ocupações estudantis ocorridas em 2016 — também apareceu em cinco entrevistas. Segundo parte dos entrevistados, nesses espaços os estudantes entraram em contato com o conceito e a ideia de criação de coletivos. Assim, o momento de visibilidade dos movimentos, conforme Melucci (1989), facilitou a criação de novos grupos e o recrutamento de militantes para os movimentos sociais.

Neste trabalho, ainda com folego inicial, mas com entusiasmo de uma moradora e educadora do extremo da Zona Oeste da cidade, percorreu um caminho metodológico, baseado no resgate da bibliografia sobre a teoria dos movimentos sociais e os chamados coletivos, com recorte nos grupos que utilizam espaços com o formato de “casas”, Vaz (2019) chamará esses coletivos de “Casas Suburbanas de Arte, Cultura e Memória”. Para entender essa realidade no recorte espacial proposto, trabalhamos com uma pesquisa exploratória com onze coletivos¹¹ que desenvolvem atividades culturais de resistência, através da aplicação de um formulário em que seus representantes apresentavam o histórico e ações desenvolvidas pelo coletivo.

10 Secretaria de Estado de Educação do Rio de Janeiro (Seeduc) divulgou a informação de 40 colégios ocupados em todo o Estado do Rio de Janeiro as pautas entre as reivindicações eram melhorias no ensino, contra a reforma do ensino médio e apoio a greve dos professores. Desse total de escolas ocupadas quatro eram da Zona Oeste, a saber: o Colégio Mario Quintana, no bairro Campo Grande e o Colégio Stuart Edgar Angel Jones, no bairro de Senador Camará, Colégio Bangu e Colégio Salim Miguel em Bangu.

11 Dos onze coletivos investigados, sete participaram do estudo respondendo o questionário, cinco não deram retorno e as informações foram sistematizadas a partir das informações coletadas em suas redes sociais e/ou outras fontes.

II. Coletivos no extremo Oeste da Zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro: bairros de Santa Cruz, Campo Grande, Cosmos, Paciência, Inhoaíba, Guaratiba

O município do Rio de Janeiro é composto por quatro regiões que se inserem de forma desigual no tempo e no espaço na dinâmica urbana e da cidade, a saber a Zona Sul (área privilegiada dos investimentos públicos da cidade), área central (área que localiza o centro histórico e de negócios) , Zona Norte (subúrbio próximo) e a Zona Oeste antiga área rural e periferia distante, descrita por Vaz (2019, p.24):

A citricultura entra em crise e a frente agrícola dá lugar à frente urbana, na virada dos 1950 para o 1960, os terrenos valorizados, mas ainda assim baratos, para o contexto da cidade animam o mercado imobiliário, inicia-se o processo de periferização da região, a Zona Rural é substituída pela Zona Oeste.

A Zona Oeste é a região que possui maior área territorial e os bairros mais populosos, a saber, entre os 10 bairros mais populosos do Brasil, quatro deles estão na Zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro: 1º Campo Grande (336.484), 2º Bangu (259.133), 4º Santa Cruz (222.704) e 8º Realengo (184.574). No entanto, as políticas urbanas direcionadas para esses territórios não equivalem as suas necessidades, sendo assim, a região possui um histórico de crescimento populacional desordenado (loteamentos clandestinas, irregulares e processo de favelização).

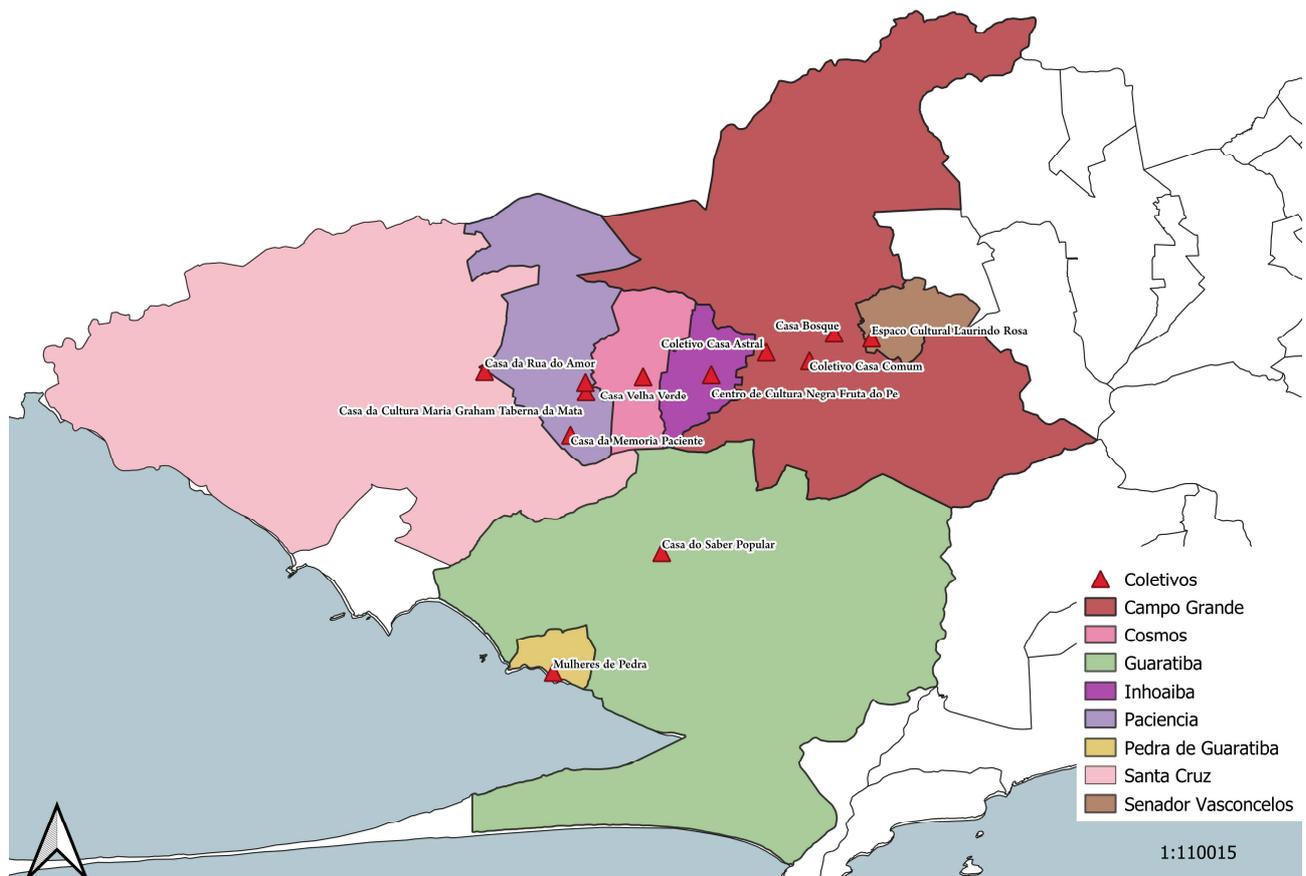
Não abordaremos todos os bairros da Zona Oeste, que em sua totalidade são divididos pela prefeitura do Rio de Janeiro em Área de Planejamento 4 (Região Administrativa XVI- Jacarepaguá e Região Administrativa XXIV- Barra da Tijuca) e Área de Planejamento 5 (Regiões Administrativas XVII- Bangu, XVIII- Campo Grande, XIX- Santa Cruz, XXVI- Guaratiba e XXXIII- Realengo), como verifica-se no mapa abaixo:

Figura 1: Mapa da Zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro dividido em áreas de planejamento



A proposta é investigar apenas o extremo da Zona Oeste, ou seja, uma parte da área de planejamento 5, a saber o bairros de Santa Cruz e Paciência (XIX- R.A Santa Cruz), Campo Grande, Cosmos e Inhoaíba (XVIII- R.A Campo Grande), Guaratiba (XVVI- R.A Guaratiba) onde mapeamos os onze coletivos que serão abordados nesta pesquisa e que aparecem na figura 2. e na tabela 1.

Figura 2: Mapa do extremo zona oeste e localização dos coletivos



Fonte: A autora com base no endereço de localização dos coletivos

Tabela 1: Coletivos encontrados no extremo da Zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro: XIX- R.A Santa Cruz, XVIII- R.A Campo Grande e XVVI- R.A Guaratiba:

Coletivo	Forma de atuação principal	bairro
Casa da rua do amor	Atividades de artes integradas (teatro, teatro de bonecos, música, artes plásticas e literatura)	Santa Cruz
Casa velha Verde	Atividades musicais e divulgação de ativistas locais. Organização de eventos para promover cultura, destaca-se o samba	Cosmos

Casa do Popular	Saber	Atividades (cursos, oficinas, rodas) sobre a cultura popular como capoeira, coco.	Guaratiba
Mulheres de Pedra		Atividades de economia solidária, com realização de atividades poético-musicais	Pedra de Guaratiba
Casa da Paciente CAMEMPA	Memória	Saraus poético-musicais, Caminhadas ecológicas, Passeios de reconhecimento histórico, Palestras pelas escolas públicas locais, pesquisa sobre a região da mata de Paciência, O trio "Os Camelôs da Poesia" e o projeto A Banca Dá Poesia	Paciência
Casa da Maria Graham Taberna da Mata	Cultura	Atividades musicais (JAZZ, MPB, instrumentais e Rock acústico), danças, saraus literários, lançamentos de livros e palestras.	Paciência
Coletivo Artes	Terraço das Artes	Cine clube, danças populares, feira, bazar e saraus	Paciência
Casa Bosque		Feira multicultural, clube de xadrez, Atividades musicais, divulgação de ativistas locais	Campo Grande
Coletivo Casa Astral		Atividades musicais, divulgação de ativistas locais, com exposição de artesanato, tatuagens; Organização de eventos para promover cultura	Campo Grande
Coletivo Comum	Casa	Loja coletiva, eventos culturais (música e artes visuais), biblioteca, cineclube, debates	Campo Grande
Centro de Cultura Negra Fruta do Pé	Cultura	Rodas de samba, aulas de percussão, de samba, de capoeira palestras, encontros e debates no contexto de ancestralidade, pertencimento e memória. Web série sobre o samba durante a pandemia.	Campo Grande
Espaço Laurindo Rosa	Cultural	música, teatro, dança, circo, oficinas de percussão. Pós pandemia retornou com regularidade o projeto musical Samba d'Aurora	Senador Vasconcelos

Fonte: A autora com base no retorno dos coletivos (formulário Google) e pesquisas realizadas em redes sociais dos grupos.

Percebemos nos coletivos mapeados a predominância das atividades artísticas e culturais, que se desenvolvem em espaços residenciais (ou similares), fato que pode ser refletido a partir de um histórico de lutas vinculadas o acesso à cultura, como relata Vaz (2019) ao citar a criação do Teatro Rural do Estudante em Campo Grande, em 1952, mas também da ausência de equipamentos culturais institucionais, que embora tenha os bairros mais populosos da cidade, possui apenas 01(um) teatro (Teatro Artur Azevedo em Campo Grande), 03 (três) Lonas/Arenas culturais (Teatro de Arena Elza Osborne – Campo Grande, Lona Cultural Sandra de Sá – Santa Cruz, Arena Carioca Chacrinha –

Pedra de Guaratiba), 02 (duas) bibliotecas públicas (biblioteca popular de Santa Cruz localizada no Centro Cultural Princesa Isabel/Ecomuseu de Santa Cruz e a Biblioteca Municipal Manuel Ignácio da Silva em Campo Grande), os demais equipamentos localizam-se, no geral, em espaços privados, tais como cinemas em shoppings. Para Vaz (2019, p. 18) morar na Zona Oeste “esbarram nas duras fronteiras de uma cidade dual, seja pelas barreiras físicas, geográficas, simbólicas, culturais, econômicas, ideológicas e outras”

Vale destacar que as atividades artístico-culturais desenvolvidas possuem pautas progressistas e identitárias a partir da vivência periférica da cidade, principalmente com narrativas de resgate dos saberes e fazeres ancestrais como espaços para artesãs, para a culinária, feiras, saraus ou ainda, atividades musicais, principalmente vinculadas a rodas de samba, ou seja, existe a percepção da arte e das atividades político-culturais desenvolvidas como uma forma de resistência e enfrentamento.

No geral, esses coletivos datam do período pós jornadas de junho de 2013, no entanto, chamamos a atenção para três espaços, que já possuem um continuidade de mais de uma década de ações coletivas e avaliamos que possuem uma organização mais institucionalizada, seja pela participação em editais que possibilitaram em algum momento o financiamento do espaço e suas atividades. Espaço Cultural Laurindo Rosa, da década de 90 do século XX, que é descrito como “atividades culturais de resistência, voltado para parcerias com coletivos culturais”, Mulheres de Pedra fundada em 2001 “coletivo que objetiva valorizar o protagonismo da mulher negra na construção de um outro mundo no qual as relações se tecem através da arte, da educação, da economia solidária e da diversidade cultural” e a Casa da Rua do Amor que inicia suas atividades em 2004, no entanto, com o espaço atual a partir de 2007. Vaz (2019, 78) indica que “Essas casas de cultura suburbanas, e também bares culturais se multiplicaram no final dos anos 1980 ao início dos 1990 em diversos bairros” na Zona Norte e na Oeste do Rio de Janeiro:

No mesmo período, nas Zonas Norte e Oeste do Rio de Janeiro, grupos de artistas se reuniram em cooperativas e associações e passaram a alugar casas para realizar estudos, saraus, rodas de violão, ateliers, exposições de artes, apresentações teatrais, festas e noites de artes. (VAZ, 2019, 78)

Os demais coletivos, a saber a Casa Velha Verde, a Casa do Saber Popular, Casa da Memória Paciente, a Casa Bosque, a Casa Astral, Casa da Cultura Maria Graham, o coletivo Terraço das artes e Centro de Cultura Negra Fruta do Pé possuem todas as características de espaços residenciais, onde inclusive se vive (com exceção da Casa bosque, um casarão do início do século XX destinado para suas diversas atividades artísticas e culturais). Esses coletivos vem construindo um caminho

importante de organização de sujeitos e encontros entre outros coletivos, principalmente no contexto pós-pandemia. O centro Cultural Fruta do pé é um interessante exemplo, surge como um evento organizado no espaço público (2017) e se transforma em um coletivo que “como projeto de resistência da cultura afro-brasileira, tem um papel fundamental na revitalização do samba de raiz na região, tendo como primazia a importância de manter as raízes do samba e da valorização do povo Preto”.

Vaz (2019, 101) se propõe a definir como ocorre o funcionamento desses espaços, que percebemos, possuem seus pontos de encontro, baseados em uma rede de colaboração e solidariedade, utilizando a idéia de mediadores:

O(a)s mediadore(a)s destes espaços, que estão desde a criação das Casas, alguns utilizando suas próprias casas, outro(a)s assumindo este papel no decurso do tempo em que as Casas estão em atividades. Cumprem suas funções escrevendo e inscrevendo projetos em editais de fomento à ação cultural; mobilizando os recursos locais, como comércio (captando algum recurso financeiro para alimentação e compra de material de divulgação dos eventos ou de oficinas); convidando artistas locais para suas programações

Durante os protestos de junho de 2013, a concentração das manifestações ocorreram na área central do Rio de Janeiro, mas especificamente na Presidente Vargas, no entanto, os dias que seguiram marcaram a descentralização dos atos, que passaram a ocorrer em diferentes pontos da cidade, entre eles, os bairros do extremo da Zona Oeste, principalmente Campo Grande, que teve concentração na praça dos estudantes em 21/06/2013¹² e depois caminhada até a estrada do Mendanha onde se localiza o West Shopping. Na concentração deste ato estavam presentes além de militantes de partidos, sindicatos, professores e estudantes, atores “estranhos”, ou seja, os verde-amarelos, ou extremistas ou conservadores, também estiveram presentes nas mobilizações que surgiam nos bairros, e inclusive, se apresentavam, indicando suas pautas, tais como o transporte de vans, que na Zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro, possui um histórico de denúncias por assimilação com uma “máfia” ou milícia¹³.

No cenário dos megaeventos, o extremo da Zona Oeste não recebeu nenhum legado, pelo contrário, o sistema de BRT já nasceu “natimorto”, ou seja, sem atender as necessidades da população trabalhadora no seu deslocamento casa trabalho. Recebemos nos bairros de Campo Grande, Santa

12 No dia 20, a Globo transmitiu, ao vivo, as manifestações que reuniram um milhão de pessoas em todo o país. A partir das 16h, flashes com imagens de diferentes cidades atualizaram as informações

13 Estive presente nesta manifestação, quando no mínimo 15 militantes de coletivos, partidos e sindicatos diferentes foram percebendo os atores de extrema direita presente no ato, e foram se retirando do protesto, muitos se direcionaram para o Instituto de Formação Humana e Educação Popular – IFHEP (Campo Grande) tentando entender a conjuntura, principalmente da participação desses contra-movimentos.

Cruz e Sepetiba conjuntos habitacionais com o objetivo de receber a população removida na “copa das remoções”¹⁴. Neste caso, as manifestações se concentraram na zona norte do Rio de Janeiro, aos arredores do Maracanã, até onde as forças policiais permitiam a circulação.

Durante o processo de golpe da presidenta eleita democraticamente Dilma, as manifestações pró-Dilma “não vai ter golpe” e pró-democracia se concentravam na área central do Rio de Janeiro, embora no calçadão de Campo Grande coletivos, partidos políticos e sindicatos também fizessem seus protestos dialogando com os passantes, enquanto as manifestações pró- impeachment e depois pró-lava jato, se concentrassem principalmente na orla carioca, como Copacabana.

No contexto da pandemia os coletivos se organizaram para distribuição de cestas básicas e algumas frentes se formaram, como o Teia de Solidariedade Zona Oeste organizado pelo Coletivo Popular de Mulheres da Zona Oeste, a partir de uma dinâmica colaborativa organizada através das redes sociais e campanhas de financiamento coletivo.

Considerações finais

Esse artigo pretende abrir uma porta para novas pesquisas, levando em consideração que a importância dos estudos sobre a teoria dos movimentos sociais e da territorialização dessas ações políticas pode revelar um conjunto de vozes e sujeitos coletivos com múltiplas dimensões socioculturais, forjadas no ativismo e na resistência.

O termo coletivo não é uma novidade, nesta pesquisa assim como em Perez e Souza, (2017) encontramos essa denominação a partir do processo de redemocratização do Brasil no final da década de 80 do século XX. Nas casas estudadas aqui a construção da solidariedade e do apoio a outros coletivos e do desenvolvimento de atividades artístico-culturais é um destaque. Repara-se nessas casas muito arte, seja nos quintais com graffitis, banners com personalidades da história e cultura afro-brasileira, exposições temporárias ou nos diferentes estilos de “gentes” potentes, criativas e afetivas em uma região com ausência de políticas públicas.

Neste sentido, se aproximar dos coletivos do extremo da Zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro, que pulsa através de “Casas Suburbanas de Arte, Cultura e Memória” (VAZ, 2009), em uma incessante luta pelo direito de ser e estar na cidade, a partir de pautas progressistas que se renovam e alimentam as lutas em uma perspectiva ancestral, indicando caminhos, depois de tanto tempo de isolamento social por conta da pandemia da COVID-19 é de esperar.

14 Segundo o governo federal 35.653 famílias. Foram removidas no período da Copa do Mundo (2014) e das Olimpíadas (2016). No Dossiê Megaeventos e Violações dos Direitos Humanos no Brasil o indicativo é de 250 mil.

Referências bibliográficas

ALONSO, Angela. AS TEORIAS DOS MOVIMENTOS SOCIAIS: UM BALANÇO DO DEBATE. Lua Nova, São Paulo, 76: 49-86, 2009. Disponível: <https://www.scielo.br/j/ln/a/HNDFYgPPP8sWZfPRqnWFXXz/?format=pdf&lang=pt>

_____. REPERTÓRIO, SEGUNDO CHARLES TILLY: HISTÓRIA DE UM CONCEITO. Sociologia e Antropologia. V. 02.03, 2012. Disponível: https://revistappgsa.ifcs.uff.br/wp-content/uploads/2015/05/v2n03_02.pdf

_____. A Política das Ruas: Protestos em São Paulo de Dilma a Temer. CEBRAP, São Paulo: 2017. Disponível: https://novosestudios.com.br/wp-content/uploads/2018/07/Angela-Alonso_A-pol%C3%ADtica-das-ruas.pdf

GLOBO. PROCESSO DE IMPEACHMENT DE DILMA. Disponível: <https://g1.globo.com/politica/processo-de-impeachment-de-dilma/noticia/2016/04/deus-filhos-veja-os-termos-mais-citados-na-votacao-do-impeachment.html> (consultado: 20 de junho de 2021).

DAMO, Arlei Sander. A tragédia que a Copa legou ao Brasil – as Jornadas de Junho. In: INTERSEÇÕES, Rio de Janeiro. v. 22 n. 2, p. 167-200, set. 2020. Disponível: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/intersecoes/article/download/54488/35163>

GOHN, Mária da Glória. Movimentos sociais e ações coletivas no Brasil em 2020 com a COVID-19: solidariedade, protestos, conflitos, confrontos e interpretações teóricas. ANPOCS, 2020. Disponível: <https://www.anpocs2020.sinteseeventos.com.br/arquivo/downloadpublic?q=YToyOntzOjY6InBhc mFtcyI7czozNToiYToxOntzOjEwOiJJRF9BUiFVSZPIjtzOjQ6IjQ1NjciO30iO3M6MT0iaCI7czo zMjoiNGU4MjYyYTZjMTY4NWJhYjlyYjNjMTMwMwIwMzgxNmMiO30%3D>

GOHN, Maria da Glória Marcondes. **Teoria dos movimentos sociais:** paradigmas clássicos e contemporâneos. 9. ed. São Paulo: Loyola, 2011.

_____. Movimentos sociais e ações coletivas no Brasil em 2020 com a COVID-19: solidariedade, protestos, conflitos, confrontos e interpretações teóricas. <https://www.anpocs2020.sinteseeventos.com.br/arquivo/downloadpublic?q=YToyOntzOjY6InBhc mFtcyI7czozNToiYToxOntzOjEwOiJJRF9BUiFVSZPIjtzOjQ6IjQ1NjciO30iO3M6MT0iaCI7czo zMjoiNGU4MjYyYTZjMTY4NWJhYjlyYjNjMTMwMwIwMzgxNmMiO30%3D>

LIMA, Venício A. de. Mídia, rebeldia urbana e crise de representação. In: Cidades Rebeldes: Passe Livre as manifestações que tomaram as ruas do Brasil. São Paulo, Boitempo: Carta Maior, 2013.

MARTINS, Caio. Teorias dos Novos Movimentos Sociais e Lutas de Classes: Uma Leitura Crítica de Sua Influência no Brasil. Rio de Janeiro, 2016. 403 f. Orientador: Carlos Eduardo Montaña. Tese

(doutorado) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Serviço Social, Programa de Pós-Graduação em Serviço Social, 2016.

OLIVEIRA, Maria Amália Silva Alves de. ZONA OESTE DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO: ENTRE O RURAL E O URBANO. *Illuminuras*, Porto Alegre, v. 18, n. 45, p. 325-349, ago/dez, 2017.

PEREZ, Olivia Cristina e FILHO, Alberto Luís Araújo Silva. Coletivos: um balanço da literatura sobre as novas formas de mobilização da sociedade civil. *Latitude*, Vol. 11, nº 1, pp.255-294, 2017 DOI: <https://doi.org/10.28998/2179-5428.20170107255>

PEREZ, Olivia Cristina e SOUZA, Bruno Melo. Novíssimos movimentos sociais via ativismo digital: definição e características dos Coletivos. Minas Gerais: 41º ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 2017.

ROLNIK, Raquel. As vozes das ruas: As revoltas de junho e suas interpretações. In: *Cidades Rebeldes: Passe Livre as manifestações que tomaram as ruas do Brasil*. São Paulo, Boitempo: Carta Maior, 2013.

SANTOS, Boaventura Sousa. Os novos movimentos sociais. In: *Pensamento crítico e movimentos sociais: diálogos para uma nova práxis*. São Paulo: Cortez, 2005.

SECO, Lincoln. As Jornadas de Junho. In: *Cidades Rebeldes: Passe Livre as manifestações que tomaram as ruas do Brasil*. São Paulo, Boitempo: Carta Maior, 2013.

VAINER, Carlos. Quando à cidade vai as ruas. In: *Cidades Rebeldes: Passe Livre as manifestações que tomaram as ruas do Brasil*. São Paulo, Boitempo: Carta Maior, 2013.

ZIBECHI, Raúl. Os movimentos sociais latino americanos: Tendências e desafios. LEHER, Roberto (ORG). *Pensamento crítico e movimentos sociais: diálogos para uma nova práxis*. São Paulo: Cortez, 2005.

VAZ, Luiz Augusto da Rocha. Zona Oeste do Rio. Ocasos e alvoreceres. Um estudo sobre Cultura, Memória e Cidade. Rio de Janeiro: Dissertação (Mestrado em memória e acervos) – Programa de pós-graduação em memória e acervos, Fundação Casa de Rui Barbosa, 2019.